

Nota prévia

O presente número da revista *Queirosiana* recolhe contributos apresentados por ocasião do III Encontro Internacional do Grupo Eça, subordinado ao tema “*O Mandarin, A Relíquia e as suas fricções*” e realizado na *Fundação Eça de Queiroz* (FEQ), em Tormes, a 26 e 27 de novembro de 2018. Tratava-se, no caso, de prolongar o encontro homónimo e com a mesma temática, que teve lugar de 29 a 31 de outubro de 2018, na Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza. As respetivas comunicações podem ser lidas no volume *A Relíquia do Mandarin* (Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020), organizado por Ana Márcia Alves Siqueira e José Carlos Siqueira de Souza.

Refiro, antes de mais, o seguinte: o *Grupo Eça*, constituído no Brasil, mas com ativa participação de estudiosos de outras paragens, desenvolve uma atividade regular de reflexão e debate em torno de temas queirosianos. Trata-se de “estudar a obra do escritor português Eça de Queirós, assim como sua fortuna crítica”; para além disso, o *Grupo Eça* privilegia “uma abordagem de fundamentação marxista, mas aberto a outras abordagens” e discute “as leituras canónicas do escritor, que, a partir de certas fases de sua obra, fizeram dele ora um autor romântico, ora um aristocrata *fin-de-siècle*, ora um estilista da língua portuguesa” (em: <https://ge.fflch.usp.br>).

Relativamente aos ensaios que reunidos este número da *Queirosiana*, vale a pena sublinhar o seguinte: tanto *O Mandarin* como *A Relíquia* são obras que, provindo embora da magistral pena de Eça, não registam uma fortuna crítica similar à que se deduz do estudo dos textos (ditos) realistas, d’*Os Maias*, d’*A Correspondência de Fradique Mendes* ou dos romances semipóstumos *A Ilustre Casa de Ramires* e *A Cidade e as Serras*. Por isso mesmo, as análises que aqui se encontram argumentam em favor da necessidade de se dar adequada atenção

crítica também à novela protagonizada por Teodoro, autor moral da morte do Mandarin, e ao romance em que nos são contadas as aventuras e as desventuras de Teodorico, por terras do Egito e da Palestina, em busca de uma relíquia providencial.

Tendo em atenção o destaque dado ao romance *A Relíquia* nesta coletânea, optou-se por republicar, no habitual dossiê dedicado à Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, um trecho da introdução do volume publicado pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, preparado por Maria Eduarda Borges dos Santos (autora de um dos artigos insertos neste número de *Queirosiana*) e pelo autor destas linhas. Completam este número dois relatórios de atividades da FEQ.

Como sempre, agradeço ao meu colega Orlando Grossegese que, com dedicação e competência, coordenou esta *Queirosiana*, 29-30, excedendo em muito as funções de um diretor-adjunto.

Por fim, cumpre anunciar que, fruto de um protocolo firmado entre a FEQ e o *Centro de Literatura Portuguesa* (CLP) da Universidade de Coimbra, esta revista passará a ser coeditada também por aquela unidade de investigação. Recorde-se que a vocação queirosiana do CLP está bem atestada pelo facto de a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós integrar o elenco de projetos que ali são desenvolvidos. É legítimo esperar, da cooperação entre as duas entidades, um benefício mútuo e um incremento, em termos de escala, dos estudos queirosianos.

Carlos Reis